

O UNIVERSO DE DISCURSO JORNALÍSTICO E A INTERDISCURSIVIDADE

Rosália Maria Netto Prados
Universidade Braz Cubas

0. Introdução

Este estudo se propõe a fazer uma análise das relações de interdiscursividade e intradiscursividade no universo de discurso jornalístico, ou seja, uma análise das relações que se mantêm entre os discursos manifestados que o integram. No dizer de Pais (1984:44), “um único e mesmo discurso pode pertencer simultaneamente a mais de um universo de discurso”. Um estudo do universo de discurso jornalístico, do discurso político e do discurso político eleitoral, discursos ‘não-figurativos’, segundo Greimas (1976:03), desenvolvidos no vasto domínio das ‘humanidades’, portanto objetos da Sociossemiótica, possibilitou um maior avanço nas pesquisas sobre os discursos sociais não-literários, uma vez que, apresentam estruturas de poder caracterizadas pela *persuasão e interpretação* e definidas por ‘combinatórias de modalidades’, ou ‘sobremodalizações’ (Pais, 1984:49).

O *corpus* constitui-se dos textos: “Voto secreto ou voto vendido?”, de Gilberto Felisberto Vasconcellos, *Folha de São Paulo*, 20 de setembro de 1998, e “Para que votar?”, de Frei Betto, *Folha de São Paulo*, 16 de setembro de 1998, sobre política eleitoral, nesse ano da eleição presidencial.

A metodologia utilizada para a análise dos textos do *corpus* fundamentou-se na teoria semiótica greimasiana, chegando ao estudo da semântica profunda, a partir da lógica das modalidades transfrásticas, instrumento de caráter operacional da análise sociossemiótica. Segundo Pais (1984:46), “cada universo de discurso, bem como os discursos-ocorrência que os integram, tem um estatuto sociossemiótico que lhe é conferido pela sociedade na macrossemiótica a qual pertence e que pode ser definido por uma combinação de modalidades transfrásticas ditas simples, ou uma modalidade complexa sintagmaticamente ordenada”. Assim, o exame dessas modalidades e sobremodalizações que caracterizam estruturas de poder de tais discursos permitiu mais rigor nessa investigação.

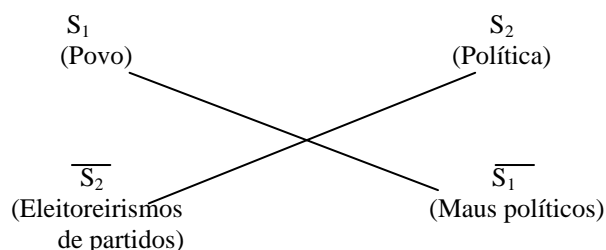
A análise e descrição das relações actanciais, programas narrativos e percursos dos sujeitos (estrutura sintática) tornaram possível a reconstrução do sentido e a definição das modalidades e sobremodalizações caracterizadoras das estruturas de poder dos discursos jornalístico e político, respectivamente, *poder-fazer-saber* → *poder-fazer-querer*, *poder-fazer-querer*. A análise da estrutura profunda, através da lógica das modalidades transfrásticas, revelou microssistemas de valores presentes no discurso jornalístico conferidos pela sociedade brasileira atualmente. Desse modo, a análise desses textos, de acordo com o percurso gerativo da Semiótica, permitiu uma reconstrução do processo discursivo, de valores do contexto sociocultural e possibilitou um estudo mais rigoroso da tipologia dos discursos e das relações de interdiscursividade e intradiscursividade. Os modelos da lógica das modalidades transfrásticas da Sociossemiótica e Semiótica das Culturas, segundo Pais (1993: 603-649), possibilitaram, além de um estudo mais profundo da tipologia dos discursos, a descrição de conflitos e tensões entre ‘forças em jogo’ da atual sociedade brasileira.

1. O Discurso Político no Discurso Jornalístico – estruturas narrativas

O universo de discurso jornalístico apresenta uma estrutura de poder caracterizada pela *persuasão / interpretação*; segundo Pais, definido por uma combinatória de modalidades, ou sobremodalização.

Os textos do *corpus*, “Para que votar?”, de Frei Betto e “Voto secreto ou voto vendido?”, de Gilberto Felisberto Vasconcellos, apresentam características que lhes conferem o estatuto de discursos jornalísticos definidos por uma combinação de modalidades transfrásticas, que vão definir, por sua vez, papéis actanciais na estrutura narrativa, verifica-se, porém, também a existência de discursos político-eleitorais, manifestados nos textos pertencentes ao universo de discurso jornalístico.

Apresenta-se uma estrutura narrativa em que um Destinator-Manipulador, “Interesses públicos”, instaura o Sujeito (S_1), “Povo”, que *quer* o Objeto de Valor, “Cidadania”, tem como Adjuvante, “Processo eleitoral”, e Oponente, “Imagem atual da Política”; apresenta-se uma estrutura narrativa complementar em que o mesmo Destinator-Manipulador, “Interesses públicos”, instaura o Sujeito (S_2), “Política”, que *quer* o Objeto de Valor, “Exercício da cidadania”, tendo como Adjuvante, “Ação democrática”, e Oponente, “Apatia coletiva”. Fica clara uma estrutura polêmica em que o Destinator-Manipulador, “Interesses Corporativos”, instaura o Anti-Sujeito \overline{S}_1 , “Maus políticos”, que *quer* o Objeto de Valor, “Manter o poder”, tendo como Adjuvante, “Apatia coletiva”, e Oponente, “Ação democrática”; o mesmo Destinator-Manipulador, “Interesses corporativos”, instaura também o \overline{S}_2 , “Eleitoreirismo de Partidos”, que, por sua vez, também *quer* o Objeto de Valor, “Manter o poder”, e têm como Adjuvante, “Conveniências eleitorais”, e como Oponente, “Educação para a cidadania”. Assim, numa estrutura mais profunda apresenta-se o quadrado semiótico dos Sujeitos:



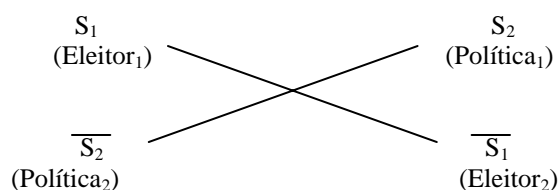
Como se pode verificar, tanto \overline{S}_1 , quanto \overline{S}_2 , no Percurso de Ação, continuam em conjunção com o Objeto de Valor, que é “Manter o poder”. E, mais uma vez, caracterizam-se narrativas de vitória dos Anti-Sujeitos. Segundo o autor, essa luta, e vitória, pela manutenção do poder vem se agravando no país por causa da “*apatia coletiva em relação ao processo eleitoral*”, veementemente atestado neste trecho:

(...) “Quanto maior o desinteresse dos que poderiam mudar o rumo das coisas pelo voto, melhor para os políticos que se apegam ao poder como sanguessugas...”

No discurso do Texto II, “Voto secreto ou voto vendido?”, de Gilberto Vasconcellos, da *Folha de São Paulo* do apresenta-se uma estrutura narrativa polêmica, isto é pressupõe-se dois tipos de eleitores, um manipulado pelo Destinator-Manipulador, “Democracia”, que instaura o Sujeito (S_1), “Eleitor₁”, que *quer* o Objeto de Valor, “Cidadania”, tem como Adjuvante, “Consciência democrática”, e Oponente, a “Cultura eleitoral”, e outro manipulado pelo Sistema Sócio-Econômico.

Apresenta-se, também, uma estrutura narrativa complementar em que o mesmo Destinator-Manipulador, “Democracia”, instaura o Sujeito (S_2), “Política”, que *quer* o Objeto de Valor, “Exercício da cidadania”, tendo como Adjuvante, “Consciência democrática”, e Oponente, também a “Cultura eleitoral”:

Fica clara a estrutura polêmica em que o Destinator-Manipulador, “Democracia Argentária”, instaura um outro tipo de eleitor, o Anti-Sujeito $\overline{S_1}$, “Eleitor₂”, que *quer* o Objeto de Valor, “Regalias ou favores”, tendo como Adjuvante, “Cultura eleitoral”, e Oponente, “Consciência democrática”; o mesmo Destinator-Manipulador, “Democracia argentária”, instaura também o $\overline{S_2}$, “Política₂”, que, por sua vez, *quer* o Objeto de Valor, “Manter o poder”, e têm como Adjuvante, “Cultura eleitoral”, e como Oponente, “Consciência democrática”. E o quadrado semiótico dos Sujeitos, numa estrutura mais profunda, evidencia a relação polêmica:



1.1. Do Enunciador

Fica muito claro também que o Enunciador, em ambos os textos, ao escrever um artigo para o jornal e, sendo este um formador de opinião, chama a atenção do leitor, expondo características do eleitorado brasileiro, apresentando-se uma outra estrutura narrativa, em que o Destinator-Manipulador, “Jornal/formador de opinião”, instaura o Sujeito₃, no modo virtualizante do *querer* o Objeto de Valor, “Alertar para o exercício da cidadania”:

No Percurso da Manipulação, O Destinator-Manipulador, “Jornal, como formador de opinião”, instaura, na ordem do *saber*, manipulação por sedução, e na ordem do *poder*, manipulação por tentação, também da competência virtualizante de um *querer*, um Sujeito (S_3), por sua vez, atualizado no modo do *poder-fazer* e no Percurso da Ação se dá a aquisição da competência dos Destinatário-Sujeitos, em ambos os textos, através de provas qualificantes, para realizar a prova decisiva no desempenho.

O Objeto de Valor, no programa narrativo principal (PNp) de S_3 , é “Alertar para o exercício da cidadania”, e para realizar a prova decisiva no desempenho, S_3 realizou provas qualificantes para adquirir a competência de Sujeito, através de programas auxiliares, como se pode verificar no Percurso da Ação, isto é, S_3 , no texto II, por exemplo, *alerta os leitores sobre o exercício da cidadania, critica a Democracia argentária e, para isso, mostra o caráter secreto do voto, - segundo o autor, o povo não acredita nisso - critica também as pesquisas de opinião que ‘predispõem o eleitor a votar em quem tem chances de ganhar’*; como se evidencia no trecho:

(...) “A esse fetichismo encantado pela pecúnia acrescenta-se a mais recente boçalidade, gregária e patogênica, em torno da pesquisa sobre intenção de voto, que possui um valor de uso ínfimo, mas predispõe o eleitor a votar em quem tem chances de vencer...”

Assim, S_3 desempenha sua ação de acordo com a Manipulação e alcança o Objeto de Valor principal, pois estava em disjunção e ocorreu a transformação, fica em

conjunção com o Objeto de Valor, *alertar o leitor para a importância do voto e o exercício da cidadania*.

2. Tematização e Figurativização

Com o estudo da estrutura superficial dos textos do *corpus*, pôde-se verificar que os enunciadores organizaram percursos temáticos sobre política-eleitoral. Como mecanismo de persuasão, os enunciadores organizaram também percursos figurativos, que cobrem os percursos temáticos, constituídos de metáforas e de descrições de fatos que apresentam redundância sêmica e coerência semântica.

No texto de Frei Betto, “Para que votar?”, há várias isotopias figurativas constituídas por metáforas e comparações que concretizam o sentido do texto, como, *grave sintoma e saúde* da democracia = a democracia não está bem; as *utopias* entraram num túnel cuja luz de saída ainda não se enxerga = as pessoas estão sem esperanças; trocar de partido, como *trocar de camisa*; os políticos se apegam ao poder, como *sanguessugas*; ainda nesse texto a figura *migalhas* reforça o sentido de como são remunerados os aposentados no Brasil.

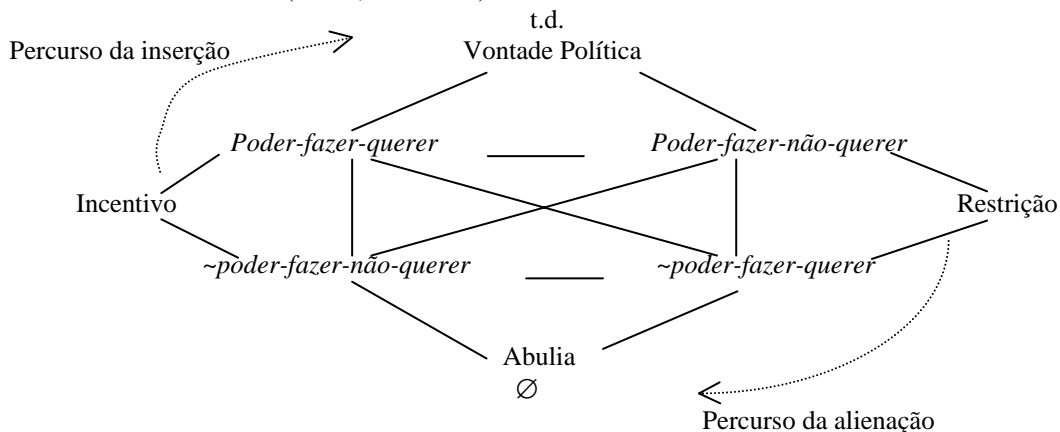
No texto de Gilberto F. Vasconcellos, “Voto secreto ou voto vendido?”, dentre outras, uma das isotopias figurativas está centrada nas figuras, *uma camiseta, uma cesta básica ou um saco de cimento* que constituem metonímias e concretizam o sentido de suprir a miséria, a fome e a falta de moradia da maioria dos eleitores que vendem seu voto.

3. Estrutura Profunda

A análise das estruturas narrativa e discursiva possibilitou a escolha de “semas” que permitiram o estudo de alguns aspectos do sistema de valores que sustenta os universos de discursos em que se inserem os textos do *corpus*.

Por meio do instrumento de análise, a lógica dialética das modalidades transfrásticas da Sociossemiótica e Semiótica das Culturas, segundo Pais (1993: 603-649), foi possível formalizar alguns valores nos discursos. Essa análise permitiu isotopias temáticas, do discurso político e a formalização de octógonos semióticos, modelos segundo “leituras semióticas” dos textos do *corpus*. O discurso do texto I, “Para que votar?”, de Frei Betto, apresenta várias leituras que autorizam a formalização de uma axiologia constituída das oposições: *Poder-fazer-querer* x *Poder-fazer-não-querer*, *Iniciativa* x *Controle*, *Legitimidade* x *Legalidade*, *Dever-fazer/ser* x *Dever-não-fazer/ser* e *Público* x *Privado*:

U.D. da Vontade Política (PAIS, 1997: 328)



Nesse texto de Frei Betto, a estrutura polêmica do discurso autoriza, segundo o quadrado semiótico dos Sujeitos, *Povo x Maus políticos* e *Política x Eleitoreirismos de partidos*, essa leitura do universo de discurso da *Vontade Política*, modelo de Pais, pois a **apatia coletiva** constitui o estágio final do ciclo do **percurso da alienação** de parte do eleitorado brasileiro, como se pode verificar no trecho:

“A apatia coletiva é grave sintoma para a saúde da democracia. A indiferença do eleitor inviabiliza a diferença na política.”

Também é possível, segundo o discurso, adaptar a leitura ao modelo de Pais, do universo de discurso da *Democracia* que se situa na tensão dialética entre *Legitimidade* x *Legalidade*, uma vez que, nesse sentido, a não participação no processo democrático deve-se **à falta do caráter ideológico da política**, aos “eleitoreirismos de partidos” e “alianças feitas segundo conveniências eleitorais” que são **legais**, porém **ilegítimas**.

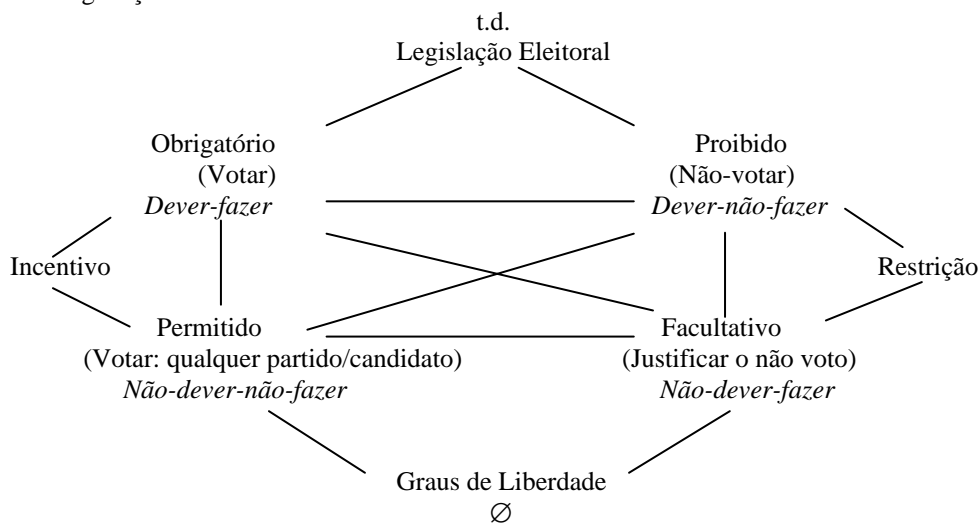
De acordo com essa leitura do texto, a “política, arte do improviso e ciência do imprevisto” e **falta de transparência ética** impedem a adequação entre a *prática* e o *discurso*, ultrapassando-se, assim, o limite entre o *público* e o *privado*, valores presentes no trecho:

“Cai a fronteira entre o público e o privado. A mídia, ao dar mais ênfase aos erros do que aos acertos dos políticos, desencanta o mundo da política.”

O texto de Gilberto Vasconcellos, “Voto secreto ou voto vendido?”, autorizou a leitura do universo de discurso da *Lei*, modelo de Pais, uma vez que, o que é *Permitido* e *Facultativo* situa-se nos *Graus de Liberdade* do eleitor que **aceita a lógica da reciprocidade** com naturalidade identificando a ‘**venda do voto**’ com a venda da força de trabalho no mercado, fazendo algo que, segundo a lei eleitoral, é proibido e configura crime eleitoral, sendo, além disso, o voto secreto.

“O homem do povo não está convencido do caráter secreto do voto ...
Uma camiseta, uma cesta básica ou um saco de cimento, e o eleitor se sente compelido a retribuir com votos o presente que recebeu. É a lógica da reciprocidade...”

U. D. da Legislação Eleitoral:



De acordo com o quadrado semiótico dos Sujeitos, *Eleitor que ‘vende’ o voto* x *Eleitor que vota conscientemente* e *Política* x *Política eleitoreira*, há a possibilidade de outras leituras. Evidencia-se **num ciclo do percurso de alienação** do eleitor brasileiro (em razão da *submissão, não-quer-fazer, não-crê-poder-fazer, não-crê-saber-fazer* e *não-crê-dever-fazer*) resultante da sua **cultura eleitoral**:

“Quase 70 anos depois de instituído o voto secreto, constatamos que este dispositivo da democracia ainda não se arraigou na cultura eleitoral do país. O homem do povo não está convencido do caráter secreto do voto, desconfiando, na cabine, de que os políticos e os coronéis têm condições de saber em quem ele efetivamente votou...

Afora isso, avulta a questão do valor de troca para o homem pobre. Este vende seu voto como a coisa mais natural do mundo...”

3. Conclusão

A análise dos textos, “Para que votar?”, de Frei Betto e “Voto secreto ou voto vendido?” de Gilberto Felisberto Vasconcellos, tornou possível, assim, um estudo mais rigoroso da tipologia dos discursos e a descrição de conflitos e tensões entre ‘forças em jogo’ no âmbito da sociedade brasileira contemporânea.

A análise e descrição das relações actanciais, bem como, programas narrativos e percursos dos sujeitos (estrutura sintáctica) tornaram possível a reconstrução do sentido e a definição das modalidades e sobremodalizações que caracterizam as estruturas de poder dos discursos jornalístico, político e político-eleitoral respectivamente, *poder-fazer-saber* → *poder-fazer-querer*, *poder-fazer-querer* e *poder-fazer-crer*.

O nível semântico profundo, através da lógica das modalidades transfrásticas, instrumento de caráter operacional da análise sociosemiótica, revelou microssistemas de valores presentes no discurso jornalístico conferidos pela sociedade brasileira atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GREIMAS, A. J. *Semiótica do Discurso Científico. Da Modalidade*. Difel . SBPL. São Paulo, 1976.
- PAIS, C.T. “Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso”. In: *Revista Brasileira de Lingüística*. v.7. Global. São Paulo, 1984.
- _____. “Texto, Discurso e Universo de discurso”. In: *Revista Brasileira de Lingüística*. v.8. Global. São Paulo, 1985.
- _____. *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Thèse de Doctorat d’État ès-Lettres et Sciences Humaines. Paris, Université de Paris-Sorbonne/Lille, Atélier National de Reproduction des Thèses, 1993.